



Physis - Revista de Saúde Coletiva

ISSN: 0103-7331

publicacoes@ims.uerj.br

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Brasil

GOLDENBERG, MIRIAN

Dois é Par: uma Referência Fundamental nos Estudos de Gênero e Conjugalidade nas Camadas
Médias Urbanas Brasileiras

Physis - Revista de Saúde Coletiva, vol. 15, núm. 2, julio-diciembre, 2005, pp. 359-363
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=400838208010>

- ▶ [Como citar este artigo](#)
- ▶ [Número completo](#)
- ▶ [Mais artigos](#)
- ▶ [Home da revista no Redalyc](#)

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Dois é Par: uma Referência Fundamental nos Estudos de Gênero e Conjugalidade nas Camadas Médias Urbanas Brasileiras

*MIRIAN GOLDENBERG**

HEILBORN, Maria Luiza.

Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário.

Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 217p.

Nas duas últimas décadas, os trabalhos de Maria Luiza Heilborn se tornaram referências obrigatórias no campo de estudos de gênero e sexualidade. Já em sua dissertação de mestrado, *Conversa de Portão: juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca*, Heilborn revelou um olhar sensível e criativo sobre temas da vida cotidiana. Em sua tese de doutorado, agora transformada no livro *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*, a autora mergulhou ainda mais profundamente no *ethos* das camadas médias do Rio de Janeiro para discutir gênero, identidade sexual e novas conjugalidades na cultura brasileira.

Nos dois primeiros capítulos do livro, Heilborn apresenta o contexto teórico em que suas reflexões estão inseridas. Faz inicialmente uma apresentação cuidadosa do pensamento de Louis Dumont, sobretudo das noções de individualismo, valor, hierarquia e igualdade, idéias fundamentais para a análise de seu material de pesquisa. Em seguida, faz uma revisão do conceito de gênero e da chamada antropologia da mulher desde o clássico *The traffic in women*, de Gayle Rubin, publicado em 1975. A apresentação e discussão das idéias de Françoise Héritier, que afirma que na totalidade das sociedades existe uma assimetria valorativa entre os gêneros a favor do masculino, é um dos pontos centrais do capítulo. Por último, a autora apresenta uma breve discussão sobre o tema da identidade sexual, tomando a obra de Michel Foucault como central. No segundo capítulo, Norbert Elias e Georg Simmel, além de Foucault e Dumont, são lembrados para a discussão de idéias como indivíduo-pessoa, interiorização, subjetivação, mundo privado, família e amor romântico na configuração da modernidade ocidental.

Nos capítulos seguintes, Heilborn introduz o leitor em sua pesquisa de campo. Inicia apresentando os problemas de se estudar a própria sociedade - no caso, o próprio universo a que pertence: os segmentos intelectualizados e psicanalizados -, inserindo-se em uma tradição de pesquisa inaugurada com o clássico *Utopia urbana*, de Gilberto Velho. Foram realizadas 26 entrevistas, com homens e mulheres heterossexuais, gays e lésbicas, entre 36 e 46 anos, moradores da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Após uma detalhada descrição dos entrevistados, a autora apresenta traços importantes do universo pesquisado. Observa que as uniões conjugais são múltiplas e a separação um fato corrente. Os pesquisados se encontram em um contexto de aceitação da homossexualidade como estilo de vida e, em alguns casos, de valorização da bissexualidade. Esses indivíduos se representam como uma espécie de vanguarda liberal no contexto da sociedade brasileira.

A autora, então, penetra no rico panorama da cultura dos anos 60 ou da geração do “desbunde”, referência fundamental do universo pesquisado, tempo caracterizado por um questionamento intenso sobre os mecanismos de poder e por uma série de mudanças e contestações da moralidade vigente, além de uma recusa radical de qualquer forma de repressão e autoridade. O material teórico e etnográfico sobre homossexualidade, fortemente embasado nos trabalhos de Michel Pollak, Nestor Perlongher e Peter Fry, combina-se com os depoimentos dos pesquisados sobre ser gay e lésbica.

No quarto capítulo, a autora mostra as recentes transformações do casamento e da família brasileira, entre as quais destaca a liberdade do exercício da sexualidade para os dois sexos fora dos parâmetros de uma relação estável, pela proliferação de arranjos conjugais e pela ampla aceitação do divórcio e da maternidade fora do casamento. Os valores da igualdade, liberdade, mudança e singularidade individuais passam a ser determinantes nos arranjos conjugais contemporâneos. Uma das idéias mais interessantes apresentadas nesse capítulo é a da *feminização* do relacionamento conjugal. Para Heilborn, a predisposição ética para a não-demarcação entre os gêneros significa que aos homens é demandada uma aproximação daquilo que consensualmente era definido como feminino no modelo tradicional: trabalho doméstico e investimento emocional na relação. A autora conclui o capítulo discutindo a tensão entre a tendência à simbiose e a busca de preservação da identidade individual no casal igualitário.

No quinto capítulo, Heilborn se pergunta: “O que faz de um casal, casal?”. Atravessa discussões instigantes, que intitula de “a lógica inexorável

do amor”, “a administração burocrática da vida a dois”, “identidade social de casal”, “linguagem amorosa ou privada”, “coreografias da vida a dois”, “ajustes de gostos ou a reforma do outro”, “o dilema intimidade *versus* privacidade”, “cenas”, “razões da dissolução, razões da permanência” - títulos extremamente sugestivos para os momentos em que a autora apresenta a análise dos discursos de seus pesquisados. Nesse capítulo vale destacar a discussão sobre intimidade e privacidade. Segundo Heilborn, o dilema da distância se configura como central na vida a dois. As categorias “intimidade” e “privacidade” refletem os aspectos positivos da proximidade, assim como os negativos, que acenam para a “invasão” ou “sufoco” quando incidem sobre a autonomia e a liberdade, valores centrais da pessoa moderna.

No último capítulo, “a gramática das diferenças”, Heilborn apresenta suas principais conclusões a respeito das questões levantadas. Assim, após analisar as coincidências entre as modalidades hetero e homossexual de parceria, a autora focaliza algumas diferenças entre os casais, que distribui em quatro áreas: o *trabalho doméstico*, o “*cuidado da relação*”, o *nexo amizade e sexo* e a *gramática da cópula*. Com relação às tarefas com a casa ou com os filhos, nos casais heterossexuais são as mulheres as responsáveis por uma parcela maior e mais efetiva dessa dimensão da vida a dois, o que provoca uma série de conflitos entre os cônjuges. Já no par *gay*, aparece uma clara e verbalizada preocupação de busca de simetria na distribuição de tarefas. No par de mulheres, o tema da divisão do trabalho doméstico não é relevante e não demanda a mesma atenção que entre os *gays*, pois a concepção paritária do casal se encontra “naturalizada”. As mulheres são vistas como as que, prioritariamente, fazem do casamento uma dimensão importante de suas vidas, como se lhes fosse reservado o papel de “mantenedoras da relação”.

O par igualitário enfatiza a importância do companheirismo e da amizade na relação sem esquecer a dimensão sexual, ponto fundamental para avaliar a “saúde” do vínculo conjugal. Entre as três modalidades de casais estudadas, o casal de mulheres é o que aparece como mais marcado por um intenso companheirismo, com forte ênfase no apoio psicológico mútuo, “deslizando da conjugalidade para a amizade”. A autora se refere a estudos que indicam que a sexualidade não encontra entre as lésbicas a mesma importância que tem entre os *gays*. A eleição das parceiras, mesmo as eventuais, não se efetiva em nome da atração sexual, e sim do “amor”. Acrescenta que a homogamia social presente nos casais igualitários parece ser praticada com maior empenho e perfeição entre as homossexuais. Para Heilborn, é como se a subcultura *gay*

inflacionasse certas configurações simbólicas peculiares ao masculino, o que permitiria entender o valor associado ao sexo nas relações homoeróticas entre homens. Nas relações entre mulheres, diferentemente, destaca-se a ênfase maior no amor, com o sexo ocupando uma posição subordinada. O par lésbico se estrutura de acordo com a representação do feminino como dedicado ao mundo dos afetos. Já entre os *gays* há um menor companheirismo, em comparação aos pares lésbicos, e uma valorização maior da dimensão erótica das relações. Outro dado interessante apresentado é que a conjugalidade entre lésbicas, em contraste com os *gays*, caracteriza-se por ser mais duradoura e estável, além de haver um maior retraimento doméstico.

Ao comparar as três modalidades de casal, Heilborn sugere que o par heterossexual é o que expressa maior complementaridade, o casal feminino o que apresenta maior simetria e o par *gay* estaria situado numa posição intermediária. A autora conclui que o modelo de um casal moderno implica, em termos lógicos, maior proximidade com o casal de mulheres. Por um lado, os *gays* são atraídos para o padrão heterossexual, visto que existe a polaridade ativo/passivo; por outro, como são mais simétricos na administração burocrática do lar do que o casal heterossexual, são capturados pelo modelo do casal feminino. As lésbicas levariam ao extremo aquilo que é preconizado para a conjugalidade igualitária, sendo que isso parece implicar menor eroticidade da relação.

Desde 1992, quando foi defendida como tese de doutorado no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ, *Dois é par* tem sido uma referência importante em nossas pesquisas sobre gênero, sexualidade e conjugalidade nas camadas médias cariocas. Maria Luiza Heilborn construiu um sólido arcabouço teórico-empírico que continua sendo absolutamente fundamental para compreender os arranjos conjugais contemporâneos. Os pares homens-homens, mulheres-mulheres e homens-mulheres apresentam inúmeras semelhanças em seus estilos de vida e expectativas afetivo-sexuais, mas as diferenças apresentadas pela pesquisa tornam visíveis aspectos até então pouco conhecidos e estudados.

Não é por acaso que, como escreveu Luiz Fernando Dias Duarte no prefácio do livro, esse trabalho se tornou um “clássico secreto”. Amplamente citado por estudiosos de diferentes áreas de conhecimento, utilizado em cursos de graduação e pós-graduação, fotocopiado inúmeras vezes por alunos e professores, finalmente *Dois é par* saiu da “clandestinidade” para, com certeza,

conquistar um número muito maior de leitores, não apenas do mundo acadêmico, interessados em uma inovadora discussão sobre as questões de gênero e sexualidade na cultura brasileira.

NOTA

* Doutora em Antropologia Social (PPGAS/UFRJ); professora do Departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (IFCS/UFRJ). Endereços eletrônicos: mirian@ifcs.ufrj.br; www.miriangoldenberg.com.br.